

PARE O TREM!

Eles nunca poderiam deter a tempo o trem de 6.200 toneladas

Por COLLIN PERRY

A LUZ DA AURORA destacava a forma maciça do trem de carga. A locomotiva que o puxava pesava 205 toneladas – quase o mesmo que um jumbo 747. O maquinista Robert Mohr podia sentir o ronco do motor *diesel* através do chão.

Mohr, 49 anos, correu os olhos pelos 96 vagões atrás dele e por um instante se lembrou por que sempre desejara ser maquinista. Para ele, havia beleza no imenso maquinário e no controle que um homem exercia sobre toda aquela potência.

Eram 7 horas do dia 12 de maio de 1998. Mohr já havia examinado um despacho que relacionava os materiais perigosos transportados pelo trem.

– Estamos carregando gás – informou ao engenheiro Rod Lindley, na cabine.

A presença de gás propano líquido exigia que se tomasse precaução

extra ao frear o trem de 6.200 toneladas. Com gás explosivo a bordo, um descarrilamento seria desastroso. O restante da carga eram na maior parte automóveis novos, autopeças e carvão.

Após uma última inspeção externa, Mohr saltou para a cabine. Lentamente o trem se afastou da estação de Decatur, Illinois. Seguiam para leste, sob um sol que prenunciava um belo dia para o percurso de quase 280 quilômetros até Peru, Indiana.

POR VOLTA DO MEIO-DIA, Tila Marshall, 34 anos, que criava os quatro filhos sozinha, preparava-se para praticar um pouco de jardinagem. Planejava enfeitar com flores a frente de sua casa em Lafayette, Indiana. *O dia está ótimo para esse trabalho*, pensou ela, olhando para além das casas do outro lado da rua. A uns 50 metros dali, quase totalmente ocultos pela grama alta que balançava, os trilhos da ferrovia brilhavam ao sol.



Força Incontrolável -
Quando o maquinista Robert Mohr viu que o trem se aproximava do bebê, precisou agir com rapidez.

O apito do trem assustou Tila. *Ao olhar para*

Tila começou a trabalhar em um canteiro. Sentada a seu lado e brincando alegremente na terra, estava a filha de 1 ano e 7 meses, Emily. De vez em quando Tila se voltava para olhar a menina. Ao fim de algum tempo, porém, a mãe estava de todo absorta no trabalho.

INSTALADO confortavelmente na cabine da locomotiva, Robert Mohr sorria enquanto Rod Lindley ligava o aquecedor. O engenheiro estava preparando o almoço como sempre fazia: usando o aquecedor como fogão.

– Costeletas de porco – disse Lindley com orgulho, ajeitando cuidadosamente um volume envolto em papel de alumínio. – Eu mesmo as defumei.

Mohr e Lindley somavam 50 anos de experiência em ferrovias e tinham muito em comum. Ambos eram apaixonados por caça e pesca, e também gostavam de contar histórias da vida ao ar livre.

Mais ainda, adoravam conversar a respeito de suas famílias. Enquanto o rádio chiava transmitindo informações do despachante, eles riam dos desafios de educar os filhos.

Mohr e Lindley aproximaram-se de Lafayette por volta das 13h45 e reduziram a velocidade do trem para o limite de 40 km/h. Lindley acionou os faróis e a campainha de advertência. Apesar de terem passado pela cidade centenas de vezes, fica-

ram mais atentos ao dobrar a primeira curva. À frente, ao longo de apenas cinco quilômetros de linha férrea, havia nada menos do que 24 cruzamentos de ruas.

Quando o trem saiu da curva, Lindley notou uma pequena mancha escura no trilho direito, a uns 150 metros à frente. Pensou que devia ser um cão. Embora fosse contra as normas de Lafayette, começou a apitar levemente.

– Vamos, bichinho, saia daí! – instigou ele.

OS APITOS de um trem assustaram Tila, concentrada no trabalho de jardinagem. *Estranho*, pensou. *Eles não costumam apitar ao atravessar a cidade*. Olhou para o lado à procura da filha, e seu coração falhou uma batida. Emily não estava à vista.

ENQUANTO LINDLEY operava os controles, Mohr permanecia de pé ao lado, olhando para o que quer que estivesse sobre os trilhos. Era comum que tais objetos não passassem de montes de trapos ou outro tipo de lixo. Raramente se tratava de fato de uma emergência, embora Mohr já tivesse enfrentado alguns acidentes em seus 23 anos como ferroviário.

Agora, com o trem a uns 100 metros do objeto, Mohr olhou mais detidamente. Então um choque lhe percorreu o corpo.

– Meu Deus! – gritou, enquanto

o lado à procura da filha, seu coração falhou uma batida.

um rostinho se voltava para ele. – É um bebê!

TILA CORREU para os fundos da casa. Sabia que Emily gostava de uma brincadeira com o irmão de 11 anos: a menina corria para os fundos enquanto Zachary cortava caminho por dentro de casa para interceptá-la, fazendo-a dar gritinhos de alegria. Tila chamou:

– Emily! Emily, querida! Você está aí nos fundos?

Não havia sinal da filha. Tila correu para a frente da casa, onde Zachary já havia chegado.

– Sua irmã está com você? – perguntou a ele.

– Não – respondeu o menino, entrando na casa em disparada, à procura dela.

LINDLEY TINHA um segundo para tomar uma decisão. Usar os freios de emergência com metade do trem ainda fazendo a curva poderia causar um descarrilamento. Mas a terrível realidade da situação não lhe deixava escolha. Tinha de correr o risco de uma parada de emergência.

O trem estremeceu e as rodas gemeram em protesto. Lindley disparou o apito e observou desesperado o trem continuar a aproximar-se da criança. Mohr e ele sentiam sucessivos solavancos, à medida que os vagões freavam, batendo no que estava à sua frente.

Com os olhos fixos na pequena figura diante dele, Lindley nada podia fazer agora, além de rezar.

INCAPAZ DE PENSAR, Tila sentiu as pernas amolecer e começar a tremer incontrolavelmente. Tudo lhe parecia irreal.

Uma onda de náusea tomou conta dela. Assim mesmo, Tila continuou parada num corredor, incapaz de mover-se. A seu lado, Zachary gritava:

– Mamãe, estou com medo!

COM O TREM seguindo em velocidade, Robert Mohr agiu instintivamente. Abriu a porta esquerda da cabine e desceu para um estreito passadiço. Correndo, chegou à frente da locomotiva e atravessou para o lado direito. Em seguida, desceu à parte mais baixa do passadiço, logo atrás do limpa-trilhos.

A garotinha estava agora a menos de 40 metros. Mohr pensava freneticamente no que fazer. À velocidade que seguiam – cerca de 30 km/h –, um trem daquele tamanho precisaria de mais uns 150 metros para frear. Não havia jeito de o deterem a tempo. Estremeceu ao imaginar o limpa-trilhos atingindo a criança.

Faltando menos de dez segundos, a menina rolou do trilho para o dormente externo. Se permanecesse abaixada, talvez a borda direita do limpa-trilhos passasse sobre ela sem feri-la. Mas a criança começou a se

levantar, preparando-se para ficar de pé.

– Não, não, neném, fique abaixado! – gritou Mohr.

O trem havia reduzido a velocidade para pouco mais de 20 km/h, enquanto o apito soava ensurdecedor. Apoiado na ponta dos pés sobre o passadiço, a mão esquerda agarrada ao balaústre, Mohr esticou-se o máximo possível. Sabia que só tinha uma chance.

A criança, ainda tentando ficar de pé, estava agora diretamente no caminho do limpa-trilhos. Alongando-se o mais que podia, Mohr estendeu a perna direita à sua frente.

– Vamos lá, por favor – murmurava com os dentes cerrados –, só mais alguns centímetros...

De repente a garotinha estava diante dele. Impulsionando a perna, ele a jogou para o lado com o pé. Viu a criança bater de cabeça em algumas pedras e rodopiar enquanto o trem passava. Será que tinha sido empurrada para longe da locomotiva?

Mohr saltou do trem em movimento e correu em direção à criança. Ela estava caída perto dos trilhos, chorando, o sangue escorrendo de um corte profundo sob os cabelos.

TILA FICOU PARADA diante de casa, agarrando a mão do filho e olhando fixamente para a frente, enquanto as pessoas corriam para a linha do trem. Tentava gritar por socorro, mas só conseguia arfar de forma incompreensível.

80

MOHR AJOELHOU-SE ao lado da criança.)

– Mamãe! Mamãe! – gritava a menina.

Um imenso alívio invadiu Mohr.

Protegendo-lhe a cabeça, Mohr levantou-a do chão.

– Tudo bem, querida – sussurrou ele. – Vamos procurar a mamãe.

Só então ele percebeu que o trem tinha parado e luzes vermelhas de veículos de socorro cintilavam ao lado dos trilhos. Um vizinho, vendo o desenrolar do acidente, chamara a Emergência.

Mohr começou a andar com a criança nos braços, e encontrou a polícia e uma crescente multidão de curiosos. Os bombeiros chegaram, pegaram a menina e entregaram-na aos paramédicos para que a levassem ao hospital.

TILA VIU OS POLICIAIS se aproximarem de seu jardim. Sua cabeça girava, mais uma vez assaltada pelo terror.

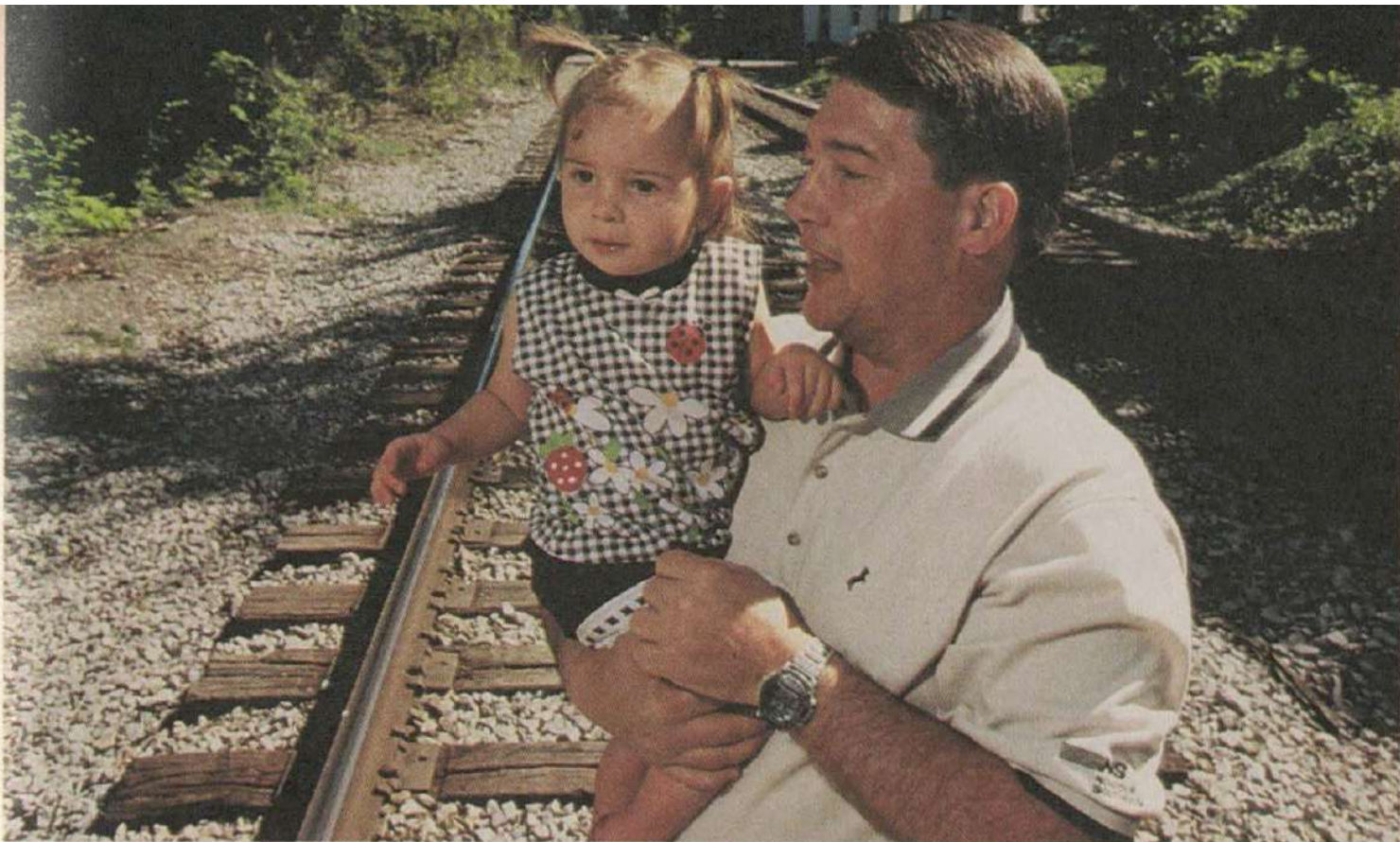
– Por favor, não digam que foi o meu bebê! – gritou ela.

Um policial ergueu a mão.

– Calma, minha senhora. A criança vai ficar bem. Temos apenas de descobrir quem é a mãe dela.

Tila percebeu rapidamente que a descrição da criança correspondia a Emily. A notícia de que sua filha estava a caminho do hospital, em segurança, por fim penetrou em sua mente e ela desabou, soluçando, nos braços do policial.

MOHR FALOU COM A POLÍCIA e com



Gesto Heróico— Emily sofreu apenas cortes e arranhões na passagem do trem, graças à rapidez com que Robert Mohr agiu.

empregados da ferrovia, e então começou a tremer. Dizendo a si mesmo que ainda tinha um trabalho a fazer, pôs-se a caminhar ao longo do trem para verificar os vagões.

— Vá sentar-se na cabine — disse um colega. — Eu faço a inspeção.

Quando Mohr descansava no trem, as emoções reprimidas afloraram. Tudo se passara tão depressa que só agora se dava conta do que tinha feito. Em alguns minutos, Lindley estava ao seu lado, reassumindo os controles. Eles se entreolharam, e as expressões de alívio e gratidão eram mais eloqüentes do que palavras. O macacão de Mohr ainda estava manchado de sangue. Lenta-

mente, o trem partiu de Lafayette.

À NOITE, quando Robert Mohr chegou em casa, a família completa o esperava na varanda, aplaudindo. Tinham sabido de seu heroísmo pela televisão. Para alívio de Mohr, informaram-lhe que a garotinha não sofrera nada mais grave do que cortes e contusões. Logo estaria boa.

Uma semana depois, Mohr desceu do carro em frente à casa de Tila Marshall. Quando foi apresentada ao homem que salvara sua filha, ela o abraçou com força.

Mohr ergueu Emily e a apertou nos braços. Sorrindo, então disse:

— Olá, Emily!

Um amigo é uma pessoa que fala bem de você na sua ausência.

— JAN JENSEN, *Nova Zelândia*

“ Entre Aspas ”

Aprendi que amadurecer dói, mas o fruto pode ser bom.

—MARIA CLARA MACHADO,
citada por MARINA COLASANTI em *De mulheres, sobre tudo* (Ediouro)

Os mapas incentivam a audácia. São como cartas de amor enigmáticas. Fazem qualquer coisa parecer possível.

—MARK JENKINS, *To Timbuctu* (Morrow)

Um bom lar tem de ser feito, e não comprado.

—JOYCE MAYNARD, *Domestic affairs* (Times Books)

Uma janela de oportunidades não se abre por si.

—DAVE WEINBAUM

Nenhum grande feito, público ou privado, já foi empreendido na alegria da certeza.

—LEON WIESELTIER em *The New Republic*

Ser despedido é a natureza mostrando que você estava mesmo no emprego errado.

—HAL LANCASTER
em *The Wall Street Journal*

A vida é complicada demais para não ter ordem.

—MARTHA STEWART,
citada no *Harper's Bazaar*

Que ninguém jamais se aproxime de você sem se retirar melhor e mais feliz.

—MADRE TERESA

A grande qualidade de um *note-book* é que, por mais que se ponha nele, não fica maior nem mais pesado.

—BILL GATES,
Business @ The speed of thought (Warner)

Caráter — aceitar a responsabilidade por nossa própria vida — é a fonte de onde brota o amor-próprio.

—JOAN DIDION, *Slouching towards Bethlehem* (Farrar, Straus & Giroux)

Cada amigo representa um mundo dentro de nós, um mundo que possivelmente não nasce até que eles cheguem.

—*The diary of Anaïs Nin* (Harcourt Brace)

Integridade é fazer o certo, mesmo que ninguém esteja vigiando.

—JIM STOVALL, *You don't have to be blind to see* (Thomas Nelson)